



# Diferentes possibilidades enunciativas no atendimento fonoaudiológico de um sujeito autista

Different enunciative possibilities in speech pathology treatment with an autistic individual

Diferentes posibilidades de enunciación en la atención fonoaudiológica de un sujeto autístico

Laine dos Santos Pimentel\* 

Marcus Vinicius Borges Oliveira\* 

## Resumo

**Introdução:** O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) tem sido historicamente descrito, dentro da literatura das ciências da saúde, quase que unicamente como uma patologia. No entanto, este também pode ser encarado como uma condição que resulta em uma identidade profundamente diferente. **Objetivo:** Esta pesquisa visa compreender o papel das diferentes possibilidades enunciativas, tanto verbais quanto não verbais, no atendimento fonoaudiológico de um sujeito autista. **Método:** Trata-se de um estudo de caso de natureza qualitativa, de cunho explicativo, referente à análise do atendimento fonoaudiológico de um adolescente numa clínica escola de uma universidade pública. **Apresentação do caso clínico:** Partimos de uma abordagem dialógica fundamentada no pensamento do Círculo de Bakhtin, que compreende que o diálogo não se restringe somente àquilo que pode ser verbalizado no momento presente da enunciação, mas se trata de um processo contínuo e ininterrupto constituído pela linguagem ecoando responsivamente nos interlocutores. Por meio dessa abordagem, refletimos sobre os sujeitos autistas que pouco utilizam a fala, mas que vivem intensamente em um mundo verbal, utilizando diferentes possibilidades enunciativas para atingir o seu querer dizer. Neste caso estudado, destaca-se o uso de recursos digitais, da escrita, música e gestos como meios significativos e dialógicos. **Considerações Finais:** Por fim, buscamos contribuir para a ampliação do olhar sobre o TEA, revelando singularidades e potencialidades que não se

\* Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil.

## Contribuição dos autores:

LP: concepção do estudo; metodologia; coleta de dados; esboço do artigo; revisão crítica.

MVB: concepção do estudo; metodologia; coleta de dados; esboço do artigo; revisão crítica; orientação.

E-mail para correspondência: Laine dos Santos Pimentel - [lainepimentel2008@hotmail.com](mailto:lainepimentel2008@hotmail.com)

Recebido: 22/04/2020

Aprovado: 25/09/2020



encerram no sujeito estudado, mas incidem sobre as abordagens terapêuticas e a estruturação do espaço clínico fonoaudiológico.

**Palavras-chave:** Fonoaudiologia; Desenvolvimento de Linguagem; Transtorno do Espectro Autista.

### **Abstract**

**Introduction:** Autism Spectrum Disorder (ASD) has been described, in the health sciences literature, almost solely as a pathology. However, it can also be described as a condition that results in a profoundly different identity. **Objective:** This research aims at understanding the role of different verbal and non-verbal enunciation possibilities in the speech language therapy of an autistic who traditionally would be termed non verbal. **Methods:** This is a case study of qualitative nature and explanatory character, referring to the analysis of the speech language therapy of an adolescent in a clinical school at a public university. **Presentation of the clinical case:** We start from a dialogical approach based on Bakhtin's Circle theory, which understands that dialogue is not restricted to what can be verbalized at the moment of enunciation, but it is a continuous and uninterrupted process constituted by language that reflects responsibly in the interlocutors. Through this approach, we reflect on the autistic subjects who use little of the speech, but who live intensely in a verbal world, using different enunciative possibilities to achieve their meaning. In the case studied, the use of digital resources, writing, music and gestures is highlighted as meaningful and dialogic. **Final considerations:** Finally, we seek to contribute on broadening the view on ASD, revealing singularities and potentialities that are not limited to the studied subject, but focus on the therapeutic approaches and the structuring of the speech language clinical space.

**Keywords:** Speech, Language and Hearing Sciences; Language Development; Autism Spectrum Disorder.

### **Resumen**

**Introducción:** El trastorno del espectro autista (TEA) se ha descrito, dentro de la literatura de ciencias de la salud, casi exclusivamente como una patología. Sin embargo, esto también puede verse como una condición que da como resultado una identidad profundamente diferente. **Objetivo:** Esta investigación tiene como objetivo comprender el papel de diferentes posibilidades enunciativas, tanto verbales como no verbales, en la logopedia de un sujeto autista. **Metodos:** Es un estudio de caso de naturaleza cualitativa, de cuño explicativo, que se refiere al análisis del servicio logopedico de un adolescente en una clínica escolar de una Universidad pública. **Presentación del caso clínico:** Partimos de un enfoque dialógico basado en el pensamiento del Círculo de Bakhtin, que entiende que el diálogo no se limita solo a lo que se puede verbalizar en el momento presente de la enunciaci3n, sino que es un proceso continuo e ininterrumpido constituido por el lenguaje que resuena receptivamente en los interlocutores. A trav3s de este enfoque, reflexionamos sobre sujetos autistas que usan poco habla, pero que viven intensamente en un mundo verbal, utilizando diferentes posibilidades enunciativas para lograr su significado. En este caso de estudio destaca el uso de recursos digitales, escritura, m3sica y gestos como medios significativos y dial3gicos. **Consideraciones finales:** Buscamos contribuir a la ampliación de la vision sobre TEA, revelando singularidades y potencialidades que no terminan con el tema estudiado, sino que se centran en enfoques terap3uticos y la estructuraci3n del espacio cl3nico de la terapia logopedica.

**Palabras clave:** Fonoaudiología; Desarrollo del Lenguaje; Trastorno del Espectro Autista

## Introdução

O Transtorno do Espectro do Autismo (dora-vante TEA) é descrito<sup>1</sup> como parte da categoria chamada transtorno do neurodesenvolvimento, caracterizado por prejuízo constante na comunicação social, padrões limitados e repetitivos de comportamento. Ainda de acordo com o DSM-V, “as manifestações do transtorno também variam muito dependendo da gravidade da condição autista, do nível de desenvolvimento e da idade cronológica; daí o uso do termo espectro”.

Entretanto, embora o autismo possa ser visto, dentro de uma vertente, como um quadro clínico patológico, este também pode ser encarado como uma condição que resulta em uma identidade profundamente diversa, como tem sido pautado em alguns movimentos organizados por autistas<sup>2</sup>. Desta forma, ressaltamos que mesmo considerando a noção de espectro, ou seja, que existe um conjunto de características semelhantes que fazem com que os sujeitos possam compor um mesmo grupo, isto não deve apagar a história e a singularidade de cada sujeito que traz consigo, suas peculiaridades e o seu modo de ser no mundo. Neste trabalho, consideramos que:

[...] cada um é único, heterogêneo no que revela a sua história que o coloca como nascido em um determinado lugar no mundo, filho de tais pessoas que circulam em uma determinada cultura. Enfim, acredita-se que essas particularidades não podem se extinguir a favor de uma padronização - nem do sujeito, nem do autismo infantil – dado que o autismo infantil é “medido” justamente pelo que cada sujeito apresenta de “interativo”, manifestando sua natureza orgânica, linguística, psicológica e social<sup>3</sup>.

No que diz respeito à linguagem, as alterações de linguagem nos autistas podem ser descritas por atrasos significativos ou ausência total do desenvolvimento da linguagem<sup>4</sup>. Nos manuais diagnósticos de autismo infantil, os sujeitos autistas são descritos como repetitivos, ecolálicos, com restrições das interações sociais e com uso estereotipado e repetitivo da linguagem. Para Bordin, pode se reconhecer por parte da Fonoaudiologia uma ancoragem do diagnóstico de linguagem na Medicina, que também ocorre na avaliação fonoaudiológica da criança autista, ou a subordinação da linguagem à questão do desenvolvimento cognitivo. Em ambos casos,

para a autora, a Fonoaudiologia deveria dizer mais do funcionamento da linguagem no sujeito autista<sup>5</sup>.

A literatura tradicional que versa sobre o TEA, tanto em sites quanto em artigos especializados, frequentemente categoriza os sujeitos autistas em verbais e não verbais. No entanto, não é simples dimensionar o que pode ser considerado como “não verbal” ou “minimamente verbal”, dada a inconsistência tanto nas medidas quanto nas próprias definições em torno daquilo pode ser chamado de não verbal. Alguns trabalhos definem “não verbal” pela quantidade de palavras em determinada faixa etária, outros por uma fala não funcional, ou mesmo de forma indeterminada<sup>6</sup>. Mesmo com essas indefinições, há tanto trabalhos em que o critério de inclusão é especificado como “ser não verbal”<sup>6</sup>, quanto os que admitem o relato médico como parâmetro válido para tal agrupamento<sup>7</sup>.

Apesar das suas características específicas, aquilo que chamamos de verbal ou não verbal não são modos antagônicos de significação. Pelo contrário, está cada vez mais clara a necessidade de refletir sobre o papel que o elemento não verbal presta na comunicação efetuada por meio da palavra, assim como para o papel do signo verbal quando este não é utilizado como recurso primeiro, mas como elemento que participa da significação<sup>8</sup>. Como discutiremos adiante, a relação entre os signos verbais e não verbais não pode ser reduzida ao ponto de demarcar uma categorização identitária dos sujeitos autistas, pois não dimensiona a possibilidade destes compreenderem e lidarem intensamente com o mundo verbal, como no caso aqui estudado.

Nesse sentido, em consonância com Bordin, nos posicionamos criticamente a esta vertente de estudo sobre o autismo, que marca, principalmente no plano formal da língua, as dificuldades na linguagem dos autistas. A partir de uma perspectiva de cunho bakhtiniano, consideramos que a linguagem se dá em situações efetivas de trabalho conjunto em que o “outro” é imprescindível<sup>9,10</sup>. Considerando o autismo e todo o universo intrincado que o envolve, é pertinente o estudo acerca das potencialidades e dificuldades nos círculos sociais em que o autista está inserido.

Sendo assim, objetiva-se neste artigo refletir sobre as diferentes possibilidades enunciativas, verbais e não verbais em um atendimento fonoaudiológico de um sujeito autista que faz pouco uso da fala, entendida aqui como produção textual-dis-

cursiva oral<sup>11</sup>, mas que se utiliza de outras semioses para atingir o seu querer dizer, incluindo gestos, músicas, ferramentas digitais e o uso da escrita.

Esta pesquisa se inspira por alguns trabalhos que seguem como perspectiva teórica a Neurolinguística Discursiva. Como afirmam Bordin e Freire<sup>12</sup>, a orientação para o caráter discursivo da linguagem, em contraposição a uma visão biomédica, aliada a uma reflexão teórico-metodológica que se faz por meio do acompanhamento longitudinal dos sujeitos, mantém uma estreita e importante relação com a prática clínica de linguagem da fonoaudiologia que, nesta perspectiva, se orienta pelas relações entre “sujeito, cérebro e linguagem (fala, língua, discurso)”. Ainda que a Neurolinguística Discursiva tenha inicialmente se dedicado aos estudos da afasia, desde a década de 80 com o trabalho de Coudry, nos últimos dez anos se tornou central a relação do tema com a infância<sup>13,14</sup>, além disto, já existem alguns trabalhos dentro desta perspectiva sobre o autismo<sup>3,15</sup>.

Em consonância com esta abordagem, nos subsidiamos nos pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin. Este encontro se dá a partir dos trabalhos Novaes Pinto<sup>16,17</sup> sobre a contribuição de conceitos bakhtinianos (*enunciado, acabamento, querer-dizer e compreensão responsiva*, dentre outros) para a descrição e análise de enunciados de sujeitos afásicos. Sendo assim, a escolha pelo referencial bakhtiniano se dá pela possibilidade de, dentro de um olhar qualitativo, proceder análises e discussões a partir de enunciados de situações de uso efetivo da linguagem, que consistem em elos uma cadeia de natureza dialógica<sup>9,10</sup>, na esteira de outros trabalhos que buscam contrapor uma visão patologizante sobre o autismo<sup>3,15,18,19</sup>.

Considerando que existem poucos estudos na área da Fonoaudiologia que tenham abordagem dialógica na discussão sobre este tema e que a maioria dos trabalhos nesta área possuem metodologia de caráter quantitativo, reafirmamos a importância em contribuir para a reflexão crítica de práticas puramente embasadas por uma perspectiva organicista orientada pelos manuais diagnósticos. Agrega-se a isso, que partimos do estudo de caso de um usuário de uma clínica escola de Fonoaudiologia, no qual foi possível refletir, para além do sujeito estudado, as abordagens terapêuticas e como se estruturou este espaço clínico.

## Métodos

O presente trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da universidade pública onde foi realizada a pesquisa sob o **número de parecer 2.669.649**. O participante da pesquisa iniciou a fonoaterapia na clínica escola de Fonoaudiologia, da já referida universidade, em agosto de 2016 e recebeu alta em setembro de 2017, quando tinha 14 anos. Possui o diagnóstico do TEA e fora escolhido por fazer pouco uso da fala, se utilizando de diferentes modalidades para atingir seu querer dizer.

Consideramos de relevância situar o leitor quanto às regras da clínica escola onde o sujeito foi recebido para terapia fonoaudiológica. Considerando que o espaço clínico também se constituía como espaço formativo de estudantes de graduação em Fonoaudiologia, a cada semestre eram realizadas entrevistas, avaliações da linguagem no início e fim do período, bem como definições de conduta e direção do tratamento. A cada semestre acadêmico havia uma nova terapeuta acompanhando o caso do paciente, tendo sido acompanhado por três terapeutas durante o processo terapêutico na clínica escola.

Acrescenta-se, ainda, que justamente por se tratar de um espaço de formação de fonoaudiólogos e prestação de serviços à comunidade, faltas excessivas e atrasos podem impactar tanto o aprendizado dos alunos como a evolução dos pacientes. Assim, a clínica tem como regra que as sessões sejam suspensas devido a duas ausências consecutivas não justificadas ou três ausências intercaladas a cada semestre acadêmico. Outro fator que resulta em desligamento é relativo aos atrasos para comparecer ao atendimento, não podendo exceder 15 minutos do horário marcado, e quando os atrasos são frequentes constata-se a dificuldade para comparecimento, sendo então, o paciente desligado.

O prontuário do paciente atendido foi utilizado como fonte de dados. A coleta de dados ocorreu através da leitura do prontuário, que contém documentos como a entrevista inicial, relatórios de avaliação, as videogravações e transcrições das sessões de avaliação e terapia fonoaudiológica, como dispositivo de produção de informações que estruturaram esta pesquisa.

Nossa unidade de análise se constituiu a partir dos registros de enunciados e nos orientamos a partir das possibilidades terapêuticas observadas na evolução do paciente. Assim, os dados da pesquisa consistem em recortes de situações dialógicas

registradas em vídeo das sessões de atendimento fonoaudiológico com a última terapeuta que ocorreram uma vez por semana na clínica escola durante 13 meses, em atendimentos que duravam cerca de 30 a 50 minutos. Os recortes dialógicos foram selecionados pela aproximação ao tema desta pesquisa: as possibilidades enunciativas do sujeito na linguagem, através da escrita e de outras possibilidades de significação, tais como gestos, a expressão corporal e dos momentos em que fez uso da oralidade. Os dados foram transcritos e analisados no escopo teórico-metodológico que é subjacente à pesquisa.

### **Apresentação e discussão do caso clínico**

Acerca do percurso terapêutico que Davi<sup>1</sup> fez na clínica escola, ele foi recebido em 2016 para iniciar a fonoterapia. Em entrevista com a terapeuta, sua mãe relatou que não “houve intercorrências durante a gestação”(sic), apesar de ter tido diabetes gestacional e hemorragia no pós-parto.

Davi recebeu o diagnóstico de autismo aos quatro anos e então iniciou um tratamento multidisciplinar com fonoaudiólogo, psicólogo e terapeuta ocupacional, contudo, não permaneceu por muito tempo sendo acompanhado. A mãe relatou ainda que o filho fazia uso de Risperidona 1 mg, “que o deixa tranquilo e concentrado”(sic).

Desde 2015, Davi frequentava uma escola pública, cursando o 1º ano do ensino fundamental, com o acompanhamento de sua irmã de 18 anos, uma vez que segundo a terapeuta, não tinha um assistente terapêutico. Além disso, não constava no prontuário do paciente nenhum relatório da escola ou informações nos relatórios acerca do contato entre as terapeutas e a escola.

No semestre de 2017.1, Davi passou a ser atendido dentro da extensão intitulada “A Linguagem e o sujeito com TEA” da clínica escola com o mesmo supervisor dos atendimentos realizados no semestre 2016.1 e 2016.2. Ao ser realizada uma nova entrevista pela terapeuta, o pai de Davi informou que o filho não estava mais frequentando a escola, porque a professora responsável pela turma preci-

sou se afastar do cargo. Importante refletir sobre a realidade de quem era Davi, um adolescente autista negro, advindo de condições sociais vulneráveis, que agora deixava de ser assistido pela escola e como tais variáveis incidiam sobre ele.

Infelizmente, Davi foi desligado ao fim do período de 2017.1, por conta do número de faltas ter sido extrapolado e dos atrasos que tinha ao longo dos atendimentos no semestre. A decisão de desligar Davi não fora uma decisão fácil para a última terapeuta e o supervisor dos atendimentos, uma vez que se notava a evolução do jovem ao longo do processo terapêutico. No entanto, se por um lado pesava a condição complexa quanto ao meio social, cultural, histórico e político no qual os interlocutores estavam imersos e entendendo as dificuldades pela qual a família provavelmente passava para poder comparecer ao serviço, por outro lado, o lugar formativo que a clínica escola representa e a extensa demanda de pacientes que havia em uma lista de espera foram decisivos.

A condução de Davi na fonoterapia também estava condicionada a outros fatores. É importante destacar que por se tratar de uma clínica escola o atendimento era muitas vezes entrecortado por conta dos períodos de férias, trocas de terapeutas/estagiárias e as abordagens terapêuticas envolvidas. No caso de Davi, pudemos notar uma mudança do olhar das terapeutas sobre o sujeito ao longo do processo terapêutico, enquanto as primeiras terapeutas atuavam de maneira mais tradicional, com abordagem organicista, pouco enxergavam suas potencialidades dialógicas, as últimas terapeutas já o enxergavam de modo diferente, o que, a nosso ver, possibilitou a Davi progressos em uma terapia marcada por maior interação dialógica com os pares. Ao nos debruçarmos sobre o estudo do caso de Davi, refletiremos sobre o processo terapêutico, que ao ser influenciado por abordagens teóricas dialógicas desvelavam maiores potencialidades do sujeito durante o diálogo.

Faz-se importante, ainda, situar o leitor quanto à configuração dos atendimentos realizados com Davi no seu último período na clínica. O atendimento se dava com a presença da terapeuta responsável acompanhada por mais três ou duas alunas observadoras, que por vezes também interagiam com o sujeito. Salientamos que esta pesquisa foi conduzida por uma das alunas observadoras e pelo supervisor dos atendimentos.

1. Acreditamos que, ao utilizar um nome fictício ao invés de siglas para salvaguardar o anonimato do participante da pesquisa, evitaremos o distanciamento proposto pelas siglas. Deste modo, o participante receberá o nome fictício de Davi.

Nesta pesquisa, escolhemos para análise as cenas em que se apresentam uma diversidade de possibilidades enunciativas, em consonância com a abordagem dialógica assumida. Assim, discutiremos inicialmente sobre como música se apresentou como uma possibilidade enunciativa e como essa, dentro do processo dialógico, foi trabalhada nas sessões fonoaudiológicas. Como aprofundaremos posteriormente, as análises aqui presentes são, tomando como base o pensamento bakhtiniano,

dialogicamente orientadas. Isto significa, em resumo, tentar compreender os fatores que tornam possível o diálogo, além do sentido de conversação entre duas pessoas, como um ato concreto que “não pode ser explicado somente a partir das condições do sujeito falante, mas também não podem dele prescindir”<sup>16</sup>.

Desse modo, partiremos da análise deste primeiro recorte:

**Quadro 1.** Transcrição da cena enunciativa.

<b>Data:</b> 24/07/2017. <b>Cena enunciativa:</b> O sujeito (D) estava sentado em frente ao computador realizando algumas pesquisas, ao seu lado sua terapeuta (T) e demais estagiárias.			
<b>Sujeito</b>	<b>Turno</b>	<b>Enunciados</b>	<b>Informações contextuais</b>
D	9		Digita na barra de pesquisa do <i>You Tube</i> “chamada” e apaga, “Ivete Sangalo” e apaga, “Paula Fernandes sem você” e pesquisa.
T	10	Paula Fernandes?	
D	11		Escolhe um dos vídeos e põe pra tocar.
T	12	Você gosta dessa? Aí que linda essa música...	
D	13	“Braço”	No momento em que a cantora canta o trecho “eu tô carente desse teu abraço” e passa a imagem no vídeo de um casal abraçado.
T	14	Abraço...	
D	15		Adianta o vídeo para o refrão.
D	16		Pula partes da música até que fica repetindo o início com a entrada da bateria.
D	17		Digita na barra de pesquisa do <i>You Tube</i> “revelação velocidade da luz”, pesquisa e coloca um vídeo pra tocar. Enquanto isso olha a descrição do vídeo onde tem a letra completa da música.
T	18	A letra pra gente...	

Na cena enunciativa acima ressaltamos, inicialmente, um dos principais aspectos demonstrados por Davi nas sessões, sua relação com a música. Esta era sempre presente e entendida por nós como um expediente terapêutico, uma vez que o diálogo não se restringe somente àquilo que pode ser verbalizado oralmente, o processo enunciativo dialógico é ininterrupto e ressoa não somente no discurso que pode ser verbalizado e visto por outrem, mas ecoa, responsivamente, nos interlocutores.

Através da música, Davi estabelecia relações com a melodia, com o ritmo e até com altura das notas musicais. Por vezes, ficava repetindo trechos da música em que tinha a entrada de algum instru-

mento musical, como no turno 16, ou até mesmo partes mais agudas da melodia, algo que provocava estranheza nas interlocutoras por não ser algo convencional, mas que posteriormente fez com que concebessem Davi como um *DJ*.

Ressaltamos a aproximação com gêneros musicais contemporâneos em que Davi utilizava a repetição como parte elementar da composição. Além disso, em alguns momentos costumava colocar as músicas e buscar aprovação nos rostos dos presentes na sala de atendimento e dos que observavam o atendimento fora da sala de terapia.

Nos cabe situar o leitor que os atendimentos que aconteceram com Davi no período das vi-

degravações da pesquisa, em sua maioria, eram realizados com o uso do computador, tecnologia que sabia dominar e possuía familiaridade. Com relação à ambiência, o sujeito teve preferência em realizar grande parte das sessões com as luzes da sala apagadas.

O uso da tecnologia na prática clínica, em especial no caso de Davi, nos remeteu ao conceito de multiletramentos<sup>20</sup>:

[...] Multiletramentos - uma palavra que escolhemos para descrever dois argumentos importantes que podemos ter com a emergente ordem cultural, institucional e global: a multiplicidade de canais de comunicação e mídia, e a crescente saliência da diversidade cultural e linguística (Tradução livre).

Assim, considerando que estamos frente à sociedade contemporânea, amparada por uma multiplicidade de mídias e, conseqüentemente, produtora de uma diversidade cultural e linguística, compartilhamos que o multiletramento trata-se de uma prática de letramento contemporânea que envolve:

[...] A multiplicidade de linguagens, semioses e mídias envolvidas na criação de significação para os textos multimodais contemporâneos e, por outro, a pluralidade e diversidade cultural trazida pelos autores/leitores contemporâneos a essa criação de significação<sup>21</sup>.

Compreendemos a familiaridade que Davi tinha com a tecnologia utilizada nos atendimentos, o computador que dominava com maestria e a relação que estabelecia com o objeto em suas pesquisas. Os turnos 9 e 17 nos dão uma dimensão aproximada da rapidez com que o manuseava e pesquisava variados temas.

Rojo afirma que a diversidade presente no mundo contemporâneo produz fragmentações, de maneira tal que a esfera local constitui-se simultaneamente pela justaposição e choque entre os “mundos-da-vida” divergentes. Assim, uma saída seria “provocar a coesão-pela-diversidade [...] o que, certamente, envolve letramentos críticos”. Desse ponto decorrem as práticas situadas de letramento, oriundas da ressignificação de práticas escolares tradicionais através da atribuição de sentido nas situações extra escolares e as formas escriturais presentes na escola<sup>21</sup>.

A autora discute que o uso de tecnologias, como o computador, tem produzido alterações na relação de leitura e escrita, que se elaboram ao mesmo tempo e também “configuram os enunciados/textos em sua multisssemiose ou em sua multiplicidade de modos de significar”<sup>21</sup>. Logo, a leitura de um texto também é colocá-lo em relação aos diversos signos provindos de várias modalidades da linguagem que se entremeiam em certa medida.

Essas mudanças na relação de leitura e escrita ancoram-se nas possibilidades hipertextuais, nos permitindo ir “de um texto a outro e de um ponto de saída a múltiplos portos de ancoragem, por meio da inserção de *linkagens* permitidas em ambiente digital”<sup>21</sup>.

Posto isso, enxergamos tal relação nas ações de Davi no turno 13, no qual podemos ver como o cruzamento de modalidades (sonora, visual e textual), em que Davi fala a palavra “abraço” simultaneamente ao aparecimento de uma imagem visual de um casal abraçado e de um trecho da música em que fala do abraço, se intercalavam. Apesar deste turno demonstrar isto pontualmente, de forma geral, acreditamos que o funcionamento da linguagem de Davi era constituído pelo imbricamento dessas diferentes modalidades de modo singular.

Outra possibilidade para *linkagens* encontra-se no turno 9, no qual Davi realizou algumas pesquisas que se intercalavam de algum modo entre si até encontrar aquilo que procurava. Encontramos ainda esta relação no turno 18, quando Davi colocou a letra da música para que as demais interlocutoras pudessem acompanhar a canção, sem que as mesmas tivessem solicitado naquele momento, mas recordando que frequentemente faziam esse pedido para ele nos outros atendimentos. Estes acontecimentos nos dão a dimensão da profundidade dialógica das sessões, já que demonstravam como os enunciados anteriores ecoavam nas escolhas dos enunciados no momento da sessão.

Além do descrito no parágrafo anterior, outras *linkagens* eram estabelecidas por Davi quando havia, por exemplo, o cruzamento de pesquisas realizadas nos atendimentos e a continuidade de algo realizado numa semana anterior, como acontecera numa dada semana quando uma das estagiárias solicitou que Davi colocasse uma música da banda KLB e ele o fez na semana seguinte, ainda que na ausência dessa estagiária e que as outras pudessem lembrá-lo. É importante ressaltar que este é

somente um exemplo de muitas outras retomadas de *links* que revelam a abertura das interações nos momentos presentes em diálogo com as sessões anteriores.

Por vezes, essa abertura dialógica era mais ampla, nos fornecendo cruzamentos que somente podiam ser desvendados com o conhecimento mútuo, conforme podemos ver abaixo:

**Quadro 2.** Transcrição da cena enunciativa.

<b>Data:</b> 10/07/2017. <b>Cena enunciativa:</b> O sujeito (D) estava sentado em frente ao computador pesquisando pela Panificadora e Mercearia Cristal, ao seu lado sua terapeuta (T) e demais estagiárias, entre elas (OLU).			
<b>Sujeito</b>	<b>Turno</b>	<b>Enunciados</b>	<b>Informações contextuais</b>
D	106	Pa-quis-tá... Pa-quis-tá...	Abre uma nova guia e pesquisa "PANIFICADORA E MERCEARIA CRISTAL".
D	107		Acrescenta o termo "MULHER" pesquisa e depois apaga.
OLU	108	Deve ser no seu bairro...	
T	109	Ah, é no Pau Miúdo...	
D	110	Pa-pa-raquis-tá	Apontando para a frase que escreveu.
OLU	111	Ah, mercearia cristal... Muito bem!	
OLU	112	T já sabia, mostra aí pra gente o que você compra lá...	
D	113		Abre o <i>Google Maps</i> em busca da panificadora e mostra uma fotografia da fachada do estabelecimento.
T	114	É perto de sua casa é? Cadê sua casa aí?	
D	115		Navega pelo <i>Maps</i> mostrando um pouco do espaço ao redor.

Compartilhamos com Nascimento e Oliveira<sup>19</sup> que a noção de diálogo segundo a perspectiva Bakhtiniana não se restringe ao encontro de dois sujeitos que conversam entre si e nem deve ser interpretado como apaziguamento, tal qual no senso comum. A noção de diálogo excede a simples troca comunicativa e alternância entre turnos, excede os limites de temporalidade restrita ao momento do diálogo<sup>22</sup>.

Ressaltamos aqui, também, o caráter conjunto, compartilhado, da enunciação. Neste caso, assim como em outros dos recortes aqui presentes, é necessário considerar o papel das réplicas (tanto de Davi quanto das estagiárias) que delimitam os enunciados, por meio da alternância dos sujeitos do discurso. De acordo com Bakhtin<sup>9</sup>, "cada réplica, por mais breve e fragmentária que seja, tem uma conclusibilidade específica ao exprimir certa posição do falante que suscita resposta, em relação à qual se pode assumir uma posição responsiva".

Para Bakhtin, considerar os enunciados concretos como unidade de análise só se torna possível quando o papel do outro não se resume ao de destinatário, como apresentado em alguns modelos formais de estudos linguísticos, aos quais o autor

denomina de ficção científica<sup>9</sup>. Para o autor, o enunciado, em sua concretude, é "parte de um processo de comunicação ininterrupto"<sup>10</sup>. Vislumbramos isto tanto nas réplicas das estagiárias nos turnos 108, 109, 111, 112, quanto nas respostas de Davi, em que destacamos como uma possibilidade enunciativa a própria ação responsiva apresentada no turno 113.

Também observamos que nos turnos 106 e 110 Davi enuncia as sílabas que, de certa forma, remetem a "Panificadora e Mercearia Cristal". Podemos trabalhar com a hipótese que Davi fala o começo da panificadora [pa] e que [kis'ta] equivale a cristal. Ficando assim, para Davi, fortes impressões sonoras das palavras que este apresenta através da escrita digital.

Nesse sentido, concordamos com Marcuschi, concebendo fala e escrita se constituindo mutuamente, não sendo vistas como polos opostos onde uma exerce supremacia sobre a outra, mas que na verdade, as diferenças entre fala e escrita "se dão dentro do continuum tipológico das práticas sociais de produção textual"<sup>11</sup>.

Em alguns atendimentos Davi esteve buscando pela Panificadora e Mercearia Cristal, algo que despertava curiosidade nos interlocutores em

certa medida, já que não era um estabelecimento próximo à sua atual casa, mas que assumia para ela algum significado que não era do conhecimento dos interlocutores ali presentes. Retomaremos este tema do conhecimento partilhado na análise do próximo recorte.

Reafirmamos, neste dado, o domínio que Davi possuía sobre a tecnologia utilizada em terapia e que representava um importante recurso para o diálogo com os demais. Vemos, no turno 113, Davi aprimorar sua pesquisa em atitude responsiva ao que uma das estagiárias havia perguntado, mo-

mento em que localiza a referida panificadora no *Google Maps*. O mesmo acontece no turno 115, ao explorar o espaço ao redor quando sua terapeuta perguntara se era um estabelecimento próximo à sua casa.

O modo veloz com que Davi agia nos dava uma dimensão da peculiaridade do funcionamento de sua linguagem, algo que repercutia na retomada do diálogo pela terapeuta ou até mesmo ao tentar atribuir significados junto a Davi e suas pesquisas. Daremos uma dimensão desta velocidade que tentamos descrever a partir do fragmento abaixo:

### Quadro 3. Transcrição da cena enunciativa.

Data: 14/08/2017. Cena enunciativa: O sujeito (D) estava sentado em frente ao computador realizando de maneira rápida diversas pesquisas, ao seu lado sua terapeuta (T) e demais estagiárias.			
Sujeito	Turno	Enunciados	Informações contextuais
D	128	Huuuum...	Digita na barra de pesquisa "segundo xou da Xuxa 07" e pesquisa. Coloca a musica para tocar.
T	129	Show da Xuxa hein?	
D	130		Em seguida, abre uma nova guia, digita "memória G1" e apaga, "Logo" e apaga, "2015*" e apaga, "logo" e apaga, "2018*" e apaga, "propaganda BATV", apaga o BATV e digita "O Boticário 2011" e pesquisa. Fecha o vídeo da Xuxa. Apaga o termo anterior que tinha digitado da propaganda do boticário e digita "propaganda Itaú 2011" e apaga e digita "PROPAGANDA BRADESCO 2011", pesquisa e toca o vídeo.

Nessa cena enunciativa vemos, principalmente, a maneira singular em que se apresentam os enunciados de Davi, enquanto presenciávamos sua pesquisa por diversas temáticas, como músicas, propagandas, programas televisivos ou até mesmo buscas por alguns locais, logotipos e alimentos.

Se no dado anterior discutimos sobre o papel da alternância dos sujeitos na composição na enunciação, para análise deste dado devemos ir além, considerando que, de acordo com Bakhtin:

A enunciação, compreendida como uma réplica do diálogo social, é a unidade de base da língua, trata-se de discurso interior (diálogo consigo mesmo) ou exterior. Ela é de natureza social, portanto ideológica. Ela não existe fora de um contexto social, já que cada locutor tem um "horizonte social". Há sempre um interlocutor, ao menos potencial<sup>10</sup>.

Neste sentido, mesmo com a réplica da estagiária no turno 129 aos escritos de Davi, ou nos momentos outros, em que a réplica se faz somente pela presença desta, consideramos que o destinatário da palavra incide desde o início do diálogo. Não somente em termos de conteúdo e organização, mas também sobre a própria forma, sintaxe, entonação, contexto etc<sup>22</sup>.

Podemos perceber, no turno 130, como é notável a escrita veloz, digitando muito rapidamente as palavras no navegador, apagando e digitando outras sucessivamente. Essa maneira rápida com que escrevia e reescrevia no computador nos leva a refletir como em determinada medida cada termo pesquisado poderia estar interligado semioticamente com os outros termos e como isto se reflete no funcionamento linguístico cognitivo de Davi.

No turno 130, em um rápido instante, Davi realizou diversas pesquisas; algumas não chegara

nem escrever a frase completa como os termos “memória GI” que se referia aos termos Memória Globo que pesquisava em outras sessões, que na verdade trata-se de um portal da emissora Globo com diversos arquivos já produzidos. Este tipo de pesquisa sempre despertou nos presentes muita curiosidade, devido ao fato que muitas vezes pesquisava por datas bem específicas (Ex.: BaTv, 23 Fev. de 1991) de variados programas televisivos.

No entanto, os sentidos dessas buscas permaneceram, pra nós, enigmáticas, dado que desconhecemos qualquer ligação entre essas pesquisas e o que elas revelavam. Podemos dizer que o grau de abertura dialógica destes enunciados não nos permitia significá-los convencionalmente. Acreditamos que estes caminhos são potencialmente muito ricos de serem trabalhados no espaço da terapia fonoaudiológica, mas dependem de maior conhecimento mútuo entre estagiárias e o paciente, ou da presença de outros interlocutores na sessão.

Podemos justificar este entendimento a partir das pressuposições necessárias do contexto extraverbal, da falta de conhecimento e compreensão comum da situação.<sup>10</sup>

Em muitos casos, especialmente aqui remetendo a aqueles que partilham as maiores vivências com o sujeito, a intimidade com os dados e os fatos podem permitir réplicas que são fundamentais no contexto apresentado, que acreditamos que, com relação ao autismo, se ampliam. Neste sentido, devemos considerar que a construção do conhecimento mútuo e o compartilhamento das vivências em contexto clínico não somente são desejados, mas devem ser buscados ativamente pelo terapeuta.

Outras possibilidades enunciativas observadas durante o atendimento ocorreram através de gestos e de sons não verbais que estavam presentes em suas enunciações, como demonstraremos na cena enunciativa a seguir:

#### Quadro 4. Transcrição da cena enunciativa.

**Data:** 19/06/2017. **Cena enunciativa:** O sujeito (D) está realizando algumas pesquisas no computador, enquanto dobra encartes de supermercado levados para a terapia, ao seu lado está sua terapeuta (T) e demais estagiárias, entre elas (OLU).

Sujeito	Turno	Enunciados	Informações contextuais
D	65		Coloca um vídeo de Ivete Sangalo.
T	66	Eu gosto dessa música... A lua que eu te dei pra brilhar...	Começa a cantar a letra da música.
T	67	Você gosta dessa? Eu também gosto.	
D	68		Levanta e apaga a luz da sala de atendimento.
T	69	Vai ser de luz apagada é? Vai ficar massa!	
D	70	Huum, huum, huum...	Balança o corpo para frente e para trás, tentando chegar mais perto do computador com a cadeira.
T	71	Vai pra onde mais?	
OLU	72	Canta pra gente...	
D	73		Fica olhando pra OLU como se quisesse ver sua reação.
D	74	Huuuuuuuum...	
T	75	Olha quanta gente aí fora... Te vendo...	
D	76		Sorri.
OLU e T	77		Cantam a música.
D	78		Com um sorriso no rosto, parece estar dançando.
D	79		Fica olhando para o espelho espião.

Neste recorte, daremos ênfase aos movimentos responsivos presentes aos gestos, movimentos corporais e sons não verbais apresentados por Davi. Para tanto, concordamos com Fontana que:

Todo gesto ou processo do organismo [...] adquire um valor semiótico nas relações sociais, em que cada indivíduo apreende sua própria corporeidade e expressividade pela/na mediação da corporeidade

e possibilidade expressiva do outro, reconhecendo-se como ser humano e como pessoa singular e reconhecendo o outro como seu semelhante e sua diferença<sup>23</sup>.

Compreendemos que, como parte indissociável do diálogo apresentada, os movimentos de Davi nos turnos 68, 73, 76, 78 e 79, com o corpo e com sorrisos, são interpretados dialogicamente pelas interlocutoras presentes na sala de atendimento. O som emitido por Davi “huuum” nos turnos 70 e 74 assumia diversos sentidos nas mais variadas vezes que utilizava, seja com uma intenção reguladora no diálogo, de expressar indignação ou em momentos alegres.

Com este recorte, não poderíamos deixar de discutir o ponto em que literatura fonoaudiológica tradicional tem classificado e subdividido os sujeitos autistas em verbais e não verbais. Ao recorrermos ao “Tratado das Especialidades em Fonoaudiologia”, encontramos uma forte tendência que tradicionalmente avalia a linguagem de acordo com o grau de habilidades ou funcionalidades, conforme a citação abaixo:

Considera-se que o delineamento de um perfil individualizado de habilidades e inabilidades, que fundamentará o delineamento dos processos terapêuticos é a melhor alternativa para a compreensão diagnóstica em fonoaudiologia a respeito da comunicação de crianças com DEA<sup>24</sup>.

Neste tipo de composição de habilidades voltadas para comunicação, torna-se possível dividir os autistas em verbais e não verbais e a partir das dificuldades apresentadas nos procedimentos avaliativos chega-se à conclusão que as crianças autistas não verbais produzem menos atos comunicativos do que as verbais<sup>7</sup>.

Refletimos que a categorização dos sujeitos autistas em verbais e não verbais parte, quase que exclusivamente, de uma análise da performance/desempenho exclusivamente da fala dos sujeitos, desconsiderando o que argumentamos acima da própria natureza constitutiva da enunciação. Além disto, a performance da fala nos dá apenas sinais de uma modalidade do que se considera verbal na enunciação, mas não dá conta de avaliar o funcionamento linguístico cognitivo do sujeito em situações concretas e enunciativas, muito menos de compreender as singularidades dos processos de significação que, apesar de serem categorizados

como “não verbais”, lidam ao seu modo com os signos verbais.

Desta forma, afirmamos que própria significação é permeada tanto por aspectos verbais como não verbais que estão implicados na própria constituição do sujeito e que, por seu caráter ideológico, portanto, modifica-se conforme o contexto socio-histórico cultural no qual se insere. Entendemos aqui que estes aspectos constitutivos da significação, tanto verbais quanto não verbais, somente existem em relação e o que é evidente é que a linguagem não verbal tem papel constitutivo na significação<sup>25</sup>, inclusive quando consideramos a possibilidade que a semiose não verbal (gestos, corpo, olhares, relações entre objetos) estejam articuladas com processos de significações verbais no funcionamento discursivo da linguagem<sup>26</sup>.

Para finalizar esta discussão, não podemos deixar de apontar alguns entraves que por vezes tornaram difícil a condução da terapia fonoaudiológica, mas que também nos apontaram possibilidades terapêuticas. Alguns desses momentos ocorreram quando as propostas terapêuticas não privilegiaram atividades no computador ou quando houve falha na conexão com a internet. Ao modificar um padrão de atendimento clínico com outros materiais, Davi se apresentava resistente, estabelecendo neste ponto uma dificuldade para a terapeuta na condução de atividades fora da rotina.

É importante ressaltar que a transcrição de dados recortados no contexto de um texto acadêmico, para fins de pesquisa e análise, pode dar uma ilusão de organização e de sequenciamento em etapas que não traduz com verossimilhança o atendimento fonoaudiológico, não somente neste caso, mas, tratando-se deste, os momentos de dissensos e entraves eram frequentes, frutos da natureza de um atendimento em que uma das principais dificuldades se situou justamente no estabelecimento consistente das situações dialógicas.

## Considerações finais

Para além do ponto de vista em que tradicionalmente o autismo tem sido estudado, por meio de uma perspectiva enunciativa e dialógica subsidiada pelos estudos do Círculo de Bakhtin, aliada aos trabalhos da Neurolinguística Discursiva, esta pesquisa buscou contribuir para a ampliação do olhar sobre o TEA a partir de um estudo de caso, o que possibilitou revelar singularidades e potencialida-

des enunciativas deste sujeito. Este trabalho com a alteridade na análise de um estudo de caso fez com que refletíssemos sobre a noção de singularidade, sem deixar de considerar o que pode ser chamado como “espectro do autismo”.

Ao refletir sobre o caso estudado, reconhecemos que existiram algumas limitações no percurso do sujeito na clínica. A começar pelo fato da clínica ser exclusiva da área de Fonoaudiologia e não ter a presença de outros profissionais para uma atuação multidisciplinar. Nesse sentido, a abordagem multidisciplinar se constitui como a melhor maneira de tratamento destes sujeitos, proporcionando, acima de tudo, um planejamento de intervenção holística<sup>27</sup>.

Somado a isto, ao realizar o estudo do prontuário, encontramos nos relatos de entrevista os variados olhares da família na convivência com o sujeito, diante disso, urgiria também aprofundar nosso trabalho enquanto terapeutas tendo como foco a família de Davi, a fim de ressignificar os olhares sobre o adolescente e promover um compartilhamento de apoios no sentido de auxiliar Davi em sua apropriação da linguagem.

Em vista disso, a própria clínica possuía normas pré-estabelecidas para a prestação de serviços que traçaram a condução terapêutica dos casos, mas não abarcaram a complexidade do acolhimento para casos mais complexos como os de Davi, em que diversos fatores se veem implicados no TEA e nas relações como cidadão do mundo. Carecia ainda ao serviço, na condução do caso de Davi, maior articulação com a atenção primária, por exemplo, a fim de organizar ações com a unidade de saúde da família para que o acompanhasse e conhecesse de perto sua família, comunidade e território. Outra possível articulação depreendida a partir deste estudo foi a articulação com a escola, para entender quais eram os direcionamentos do sujeito enquanto aluno e organizar conjuntamente medidas para que Davi não deixasse de ser acolhido nas suas especificidades.

Assim, o atendimento de Davi nos possibilitou reflexões pertinentes. O trabalho com apoio do computador abriu uma janela dialógica sem precedentes nos quais foram possíveis estabelecer várias relações e refletir sobre o modo peculiar com que se comunicava. Posto isso, o último semestre de atendimento a Davi possibilitou um novo olhar sobre ele, enxergando suas diferentes possibilida-

des enunciativas em que fora possível refletir acerca das relações dialógicas que estabelecia.

Finalmente, concluímos que a sustentação de um fazer clínico de orientação Bakhtiniana possibilitou enxergar o sujeito por meio de uma ótica contextualizada, dentro das esferas sociais, culturais e históricas, na contramão de outras visões mais organicistas que somente enxergam o sujeito atrelado ao seu sintoma. Ressaltamos que são raros os estudos que buscam compreender sujeitos autistas que pouco utilizam a fala, mas que se valem de diferentes modos de enunciar.

Ao nos debruçarmos sobre os estudos do TEA é imprescindível considerarmos o contexto sócio-histórico em que o sujeito se encontra, bem como as vivências singulares que daí decorrem. Neste contexto, se faz necessário repensar os caminhos terapêuticos para mediar este processo, tendo em vista do quanto pode ser difícil lidar com os entraves e dissensos, mas também da potencialidade contida em cada enunciação.

## Referências

1. Association A. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-V. Porto Alegre: Artmed; 2014.
2. Ortega, F. Deficiência, autismo e neurodiversidade. *Ciênc. saúde coletiva*, 2009; 14(1): 67-77.
3. Bordin SS. Fale com ele: um estudo neurolinguístico do autismo [Dissertação]. Campinas (SP): Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas; 2006.
4. Gonçalves A, Castro S. Propostas de intervenção fonoaudiológica no autismo infantil: revisão sistemática da literatura. *Distúrb. Comun*, 2013; 25(1): 1-11.
5. Koegel LK, Bryan KM, Su PL, Vaidya M, Camarata S. Definitions of Nonverbal and Minimally Verbal in Research for Autism: A Systematic Review of the Literature. *J Autism Dev Disord*. 2020; 50(8): 2957-72.
6. Damião F, Leila S, Perissinoto J, Chiari B. Estudo longitudinal da atenção compartilhada em crianças autistas não-verbais. *Rev. CEFAC*. 2009;11(4): 587-97.
7. Amato C, Fernandes F. O uso interativo da comunicação em crianças autistas verbais e não verbais. *Pró-Fono*. 2010; 22(4): 373-8.
8. Côrrea M. Práticas de leitura e escrita: breve nota sobre a relação entre o verbal e o não verbal. *Contrapontos*. 2006; 6(2): 293-302.
9. Bakhtin M. Os gêneros do discurso. São Paulo: Editora 34; 2016.
10. Bakhtin M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 12ª. Ed. São Paulo: Hucitec; 2006.
11. Marcuschi L. Oralidade e Escrita. *Signótica*, 1997; 9:119-45.

12. Bordin SS, Freire F. Neurolinguística discursiva: contribuições para uma fonoaudiologia na área da linguagem. *Cad. Estud. Linguíst.* 2018; 60(2): 384-99.
13. Coudry MIH. Diário de Narciso e Neurolinguística Discursiva: 30 anos depois. *Cad. Estud. Linguíst.* 2018; 60(2): 323-50.
14. Coudry MIH, Bordin SS. Afasia e infância: registro do (in) esquecível. *Cad. Estud. Linguíst.* 2012; 54(1): 135-54.
15. Navarro PR. Fonoaudiologia no contexto da Equoterapia com crianças autistas: uma reinterpretação a partir da Neurolinguística Discursiva. *Cad. Estud. Linguíst.* 2018; 60(2): 489-506.
16. Novaes Pinto R. Contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas [Tese]. Campinas (SP): Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1999.
17. Novaes Pinto, R. "The aphasic utterance: A signifiical perspective." *Semiotica* 2013;196: 457-72.
18. Delfrate C, Santana A, Massi G. A aquisição de linguagem na criança com Autismo: um estudo de caso. *Psicol. estud.* 2009; 14(2)321-31.
19. Nascimento I, Oliveira M. Um olhar bakhtiniano sobre a linguagem e o autismo: um estudo de caso. *Distúrb. Comun.* 2018; 30(4): 713-25.
20. New London Group. A pedagogy of multiliteracies: Designing social futures. *Harv Educ Rev.* 1996; 66(1): 1-33.
21. Rojo R. A Teoria dos Gêneros Discursivos do Círculo de Bakhtin e os Multiletramentos. [Acesso em 16 Set 2018]; [21]. Disponível em: [https://poslp135.files.wordpress.com/2014/10/rojo\\_gc3aanero-bakhtin-multiletramentos.pdf](https://poslp135.files.wordpress.com/2014/10/rojo_gc3aanero-bakhtin-multiletramentos.pdf).
22. Ponzio A, Calefato P, Petrilli S. Fundamentos de Filosofia da Linguagem. Petrópolis: Vozes; 2007.
23. Fontana R. O corpo também ensina – mediações da linguagem não verbal no trabalho docente. *Rev. Esp. Pedag.* 2011; 18(1): 9-22.
24. Fernandes F, Amato C. Princípios Básicos para Avaliação e Terapia de Linguagem dos Transtornos do Espectro do Autismo. In: Marchesan I, Justino H, Tomé M. Tratado de especialidades em Fonoaudiologia. São Paulo: Guanabara Koogan; 2014. p. 966-74.
25. Nandín T, Novaes Pinto R, Estudo de caso de um sujeito com afasia motora eferente na perspectiva bakhtiniana. *Macabéa.* 2012; 1(2): 372-90.
26. Coudry M. Neurolinguística Discursiva: afasia como tradução. *Estudos da Língua(gem).* 2008; 6(2): 7-36.
27. Wright B, Williams C, Smith R, Smith S, Beeson S, et al. An Autism Spectrum Disorders Forum: A Model for the Effective Use of Multidisciplinary Assessment and Intervention Planning with Limited Clinical Resources. *Autism Open Access.* 2016; 6(4): 1-7